

Saudade do saudável: uma saudação

Olhando a capa daquele LP tropicalista. O latinório, já errado: PANIS ET CIRCENSIS (por panem). Um nocking Picture de velhas fotos: e como ela ficou antiga: Ludwig Rogerio Duprat, com penico na mão, hoje um Buffalo Bill bonsaizado e com ar desencantado, um menino. Gracinha, saudável, gordinha, menina de aniversário. Nara e Capinam, em epígrafe, preto e branco, retratos dentro do retrato, uma Carmem-miranda com valise de viagem, Tom Zé. E o menino loiro, que tem sobre a cabeça não se sabe o que, boné ou bolsa de água quente, Torquato. Os Mutantes não mudaram muito. Nem Gil. Que ingenuidade deliciosa, que saudável provincianismo de vanguarda! Apenas quatro anos – e como tudo ficou antigo! Tão antigo, que um deles já nem existe mais. Pensei que o “jeito de quem não se espanta” fosse o de Gal, sortilégio de sua beleza e de sua voz: era de Torquato. Parece que não se espantava mesmo, mas, nessa fleugma, que era um perene estado de choque, também não tinha, parece, a capacidade maior de assimilar golpes – sem a qual não se sai impunemente da Bahia, pós-Piauí, para Londres e para o Rio, via São Paulo, em menos de quatro anos: a geléia geral ficou muito grande para as crianças. E depois, sob e sobre outras capas, começaram a aparecer sozinhos, um a um, cada um por si, não mais meninos: foi-se a saudabilidade grupal, tribal. Os Mutantes só se mantiveram. A devolução cantante foi-se transformando em canto devorado: a tropical revolução come os seus não-filhos. Mas, naquela foto, parece que estão suspensos e consumismo e a consumação: todos felizes se projetando para o infinito objetivo da objetiva subjetiva. Almoçando com ele, Ivan, Luiz Otávio, Luciano, no “Alemão”, na Lapa: o cotovelo a mesa, braço e mão davam justinho para guindar o cigarro a boca. Baforava para cima, magro, um pulso de menino de oito anos, falava baixo como quem quisesse falar, ou de que tudo era redundante – esse era o seu humos. A “Navilouca” se atrasava, mas ia sair: quem sabe se todo mundo sussurasse coisas certas, ali a mesa, ela acabaria saindo sozinha? Não conheci bem a Torquato, Nosferatu vampirizado. Dava a impressão de que estava reencontrando seus pontos de apoio, de equilíbrio, no sentido de sobrevivência, pelo menos. Pelo visto, não estava. Sobreviver vale subviver. E cansa. Muito curto-circuito, muito grilo: o jeito é desmanchar a instalação toda. E envelhecer todas as fotos.

Décio Pignatari 21/11/72